

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 21 • 2014



Editor Científico: João Luís Cardoso

CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS
2014

Estudos Arqueológicos de Oeiras é uma revista de periodicidade anual, publicada em continuidade desde 1991, que privilegia, exceptuando números temáticos de abrangência nacional e internacional, a publicação de estudos de arqueologia da Estremadura em geral e do concelho de Oeiras em particular.

Possui um Conselho Assessor do Editor Científico, assim constituído:

- Dr. Luís Raposo (Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa)
- Professor Doutor João Zilhão (Universidade de Barcelona e ICREA)
- Doutor Laure Salanova (CNRS, Paris)
- Professor Doutor Martín Almagro Gorbea (Universidade Complutense de Madrid)
- Professor Doutor Rui Morais (Universidade do Minho)

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 21 • 2014 ISSN: 0872-6086

EDITOR CIENTÍFICO - João Luís Cardoso
DESENHO E FOTOGRAFIA - Autores ou fontes assinaladas
PRODUÇÃO - Gabinete de Comunicação / CMO
CORRESPONDÊNCIA - Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras
Fábrica da Pólvora de Barcarena
Estrada das Fontainhas
2745-615 BARCARENA

Os artigos publicados são da exclusiva responsabilidade dos Autores.

Aceita-se permuta
On prie l'échange
Exchange wanted
Tauschverkehr erwünscht

ORIENTAÇÃO GRÁFICA E

REVISÃO DE PROVAS - João Luís Cardoso e Autores

PAGINAÇÃO - M. Fernandes

IMPRESSÃO E ACABAMENTO - Grificamares, Lda. - Amares - Tel. 253 992 735

DEPÓSITO LEGAL: 97312/96

**O BRONZE DO SUDOESTE NA CIDADE DE LISBOA:
O VASO DA ENCOSTA DE SANT'ANA**

***SOUTHWEST BRONZE AGE CULTURE IN LISBON CITY:
THE ENCOSTA DE SANT'ANA VESSEL***

Vasco Leitão¹ & João Luís Cardoso²

Abstract

This article presents the study of a ceramic vessel of the “Bronze do Sudoeste” Culture (Southwest Bronze Age Culture) recovered during archaeological excavations in a settlement in Lisbon’s historical center. This vessel is related with several other occurrences from burials and/or ritual depositions in Southern Estremadura region during the first half of the 2nd millennium BC. The most ancient of these productions coexist with the last beaker vessels both in this region as in Southwest Portugal, according to the available radiocarbon data.

Keywords: Lisbon city, Southwest Bronze Age Culture.

1 – INTRODUÇÃO

O objectivo da intervenção arqueológica que esteve na origem do achado arqueológico ora publicado, decorreu da minimização do impacto arqueológico resultante do projecto de urbanização da Encosta de Sant’Ana, da iniciativa da EPUL, Empresa Pública da Urbanização de Lisboa. Com efeito, a localização do empreendimento, tornava obrigatória a realização de intervenção arqueológica prévia, a qual se desenvolveu em duas fases sucessivas. A primeira, realizada entre 2001 e 2002 teve como arqueólogos responsáveis João Muralha Cardoso e Cláudia Costa, tendo resultado na identificação de uma presença neolítica, a par de outra, situada em zona da encosta mais a montante, da Idade do Bronze, para além da identificação de outros testemunhos mais modernos. A segunda intervenção, realizou-se entre 2004 e 2006, depois da alteração do projecto urbanístico, e envolveu a intervenção em área mais extensa, tendo decorrido sob a direcção de um de nós (V.L.) e de Manuela Leitão. Como resultados mais significativos, destaca-se a confirmação da importância da ocupação neolítica, atestada pela identificação de pelo menos uma estrutura habitacional associada a mais de uma dezena de estruturas de combustão, uma área de talhe e uma outra de acumulação de conchas.

Tais testemunhos configuravam o estacionamento de uma comunidade perto da margem poente do antigo esteiro do Tejo, que penetrava profundamente na parte baixa da cidade, no sopé da encosta de Sant’Ana (Fig. 1).

¹Centro de Arqueologia de Lisboa (Câmara Municipal de Lisboa). vasco.leitao@cm-lisboa.pt

²Universidade Aberta (Lisboa). Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (Câmara Municipal de Oeiras). cardoso18@netvisao.pt

Além desta presença, foi também confirmada a existência de espólios da Idade do Bronze, os quais se concentravam igualmente no sopé da encosta, junto dos materiais neolíticos. É desta zona que provém o vaso agora estudado (Fig. 2).

2 – CONDIÇÕES DO ACHADO

O vaso jazia esmagado *in situ*, aparentemente assente em depressão linear escavada no paleossolo, a qual poderá corresponder a valeiro que, acompanhando o declive da encosta atinge, por erosão regressiva, o local onde, na primeira campanha de escavações, se identificaram estruturas da Idade do Bronze, acompanhadas de numerosos materiais cerâmicos. Deste modo, é admissível, dado o estado bastante completo do exemplar, que o mesmo possa ter provindo, inteiro ou já fragmentado, por gravidade, de zona mais alta da encosta, depositando-se depois na parte inferior da mesma, onde no decurso do processo de diagénese, acabou por se fragmentar, conservando-se os fragmentos juntos, o que foi favorecido pela depressão onde jaziam.

No entanto, esta explicação parece ser contrariada pelo facto de o local em questão ter sido aparentemente previamente preparado, como sugere a existência de um conjunto pétreo que poderia receber o vaso, conferindo-lhe estabilidade (Fig. 3). Nesta eventualidade, o valeiro já existiria, tendo sido colmatado anteriormente ou concomitantemente à fixação do recipiente, no quadro de ocupação da base da encosta no decurso da Idade do Bronze. O nível em que o vaso jazia não difere do nível onde se recolheram os espólios neolíticos, observando-se apenas diferenciação lateral dos depósitos correspondentes às duas ocupações, em ambos os casos assentes no topo do paleossolo estéril, o que explica a aparente associação dos respectivos espólios. Ambos os depósitos arqueológicos são selados por acumulação de natureza coluvionar com materiais arqueológicos de diferentes épocas, responsável pela dificuldade da interpretação da sequência estratigráfica, acrescida por se tratar de encosta onde a continuidade das camadas é muito irregular (Fig. 4). Desta forma, pode concluir-se que o vaso corresponde a achado isolado, eventualmente utilizado e abandonado no próprio local onde foi identificado.

3 – DESCRIÇÃO E ESTUDO COMPARATIVO

Trata-se de um recipiente esférico, de colo estrangulado e bordo extrovertido, podendo designar-se por “garrafa”, integrando-se nas produções usuais mais modernas do Bronze do Sudoeste, ou Bronze II do Sudoeste (SCHUBART, 1974). A decoração que ostenta foi produzida por uma ponta romba, percorrendo a



Fig. 1 – Encosta de Sant'Ana. Local do achado, nas proximidades da margem de um antigo esteiro do rio Tejo.



Fig. 2 – Encosta de Sant'Ana. Local do achado, na escavação arqueológica. Em cima: vista geral; em baixo: vista parcial (fotos de Nuno Gomes).

superfície antes da cozedura, correspondente a dez conjuntos de linhas verticais, percorrendo todo o bojo do recipiente, encimadas na extremidade superior, junto do arranque do colo, por um duplo remate, correspondente a duas linhas curvas muito arqueadas, com a forma de cogumelo (Figs. 5, 6 e 7). Este padrão decorativo é igualmente conhecido nas produções coevas do bronze do Sudoeste, registando-se, a título de exemplo nos seguintes exemplares (Fig. 8):

- necrópole de Cata, Beja (SCHUBART, 1974, Fig. 7 c), com a diferença de os remates em forma de cogumelo serem constituídos apenas por um sulco ogival e se observarem nas duas extremidades dos segmentos radiais verticais, os quais se encontram também com as pontas unidas (Fig. 5, n.º 1);
- necrópole do Poio, Portimão (SCHUBART, 1974, Fig. 6 f), com a diferença de os segmentos radiais verticais aparentemente não possuírem remates em qualquer das extremidades (Fig. 5, n.º 2).

Recentemente, no quadro da minimização dos impactes arqueológicos decorrentes do plano de rega de Alqueva, foi encontrado outro exemplar semelhante, na necrópole de Torre Velha 3, Serpa (ALVES *et al.*, 2010, 2014) (Fig. 9). Este exemplar ostenta igualmente pequenas diferenças na iconografia da decoração relativamente à do exemplar em apreço, designadamente no remate dos segmentos radiais verticais, que corresponde

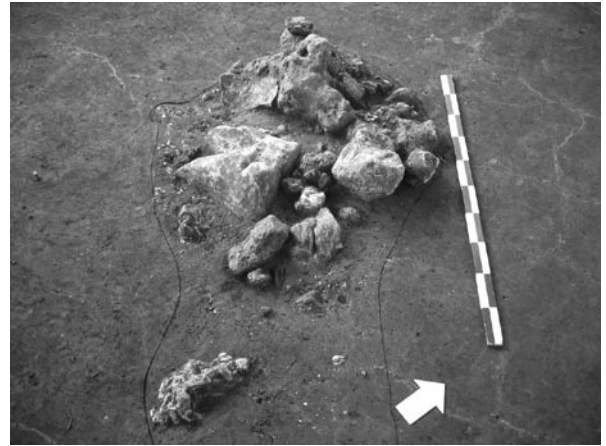


Fig. 3 – Encosta de Sant'Ana. Conjunto de blocos sobre os quais se encontrava o vaso, esmagado *in situ*. Em cima: vista geral, evidenciando-se o substrato constituído por paleossolo avermelhado estéril, localmente ravinado, cuja depressão foi posteriormente preenchida por depósito coluvionar (delimitado por linha contínua), sobre o qual assenta a estrutura pétrea que suportava o vaso, do qual se observa um fragmento *in situ*; em baixo: vista da estrutura pétrea, observando-se, sobre os blocos, fragmento do vaso estudado (ver Fig. 4) (fotos de Vasco Leitão).

Encosta de Sant'Ana

Esboço esquemático do perfil transversal da vertente - sectores C e E
(adaptado de ANGELUCCI, D. *et al* 2004)

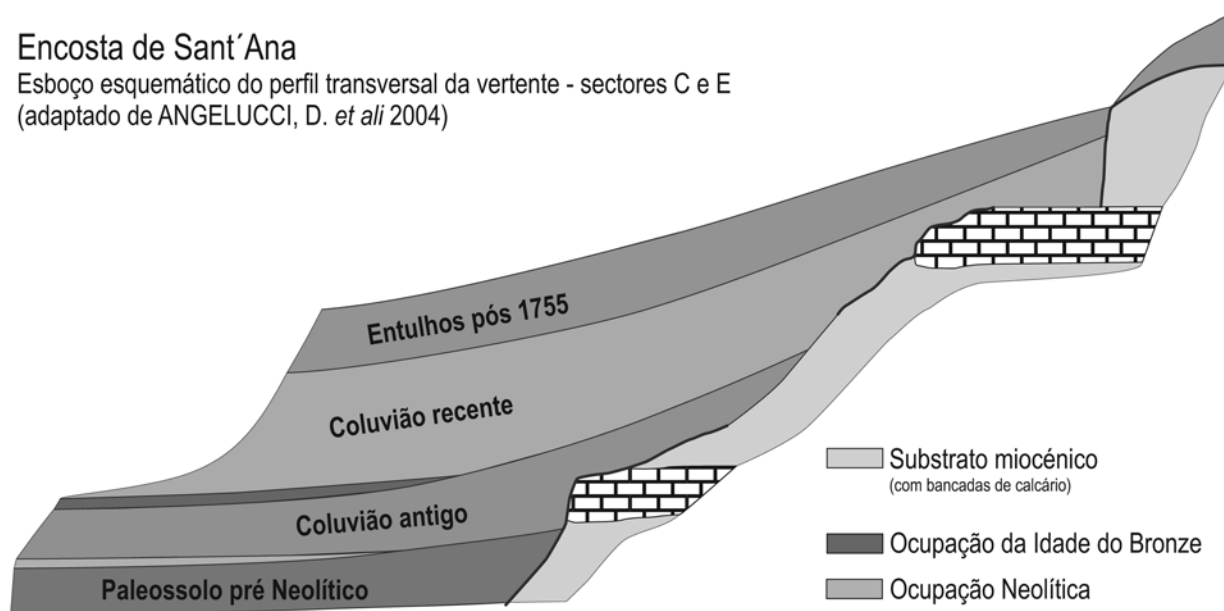


Fig. 4 – Encosta de Sant'Ana. Estratigrafia do local do achado. O vaso provém do contacto entre a camada com materiais da Idade do Bronze e o depósito coluvionar subjacente (seg. ANGELUCCI *et al.*, 2004, modificado).

a uma linha simples em aspa, e nas próprias características dos referidos segmentos radiais, constituídos por três linhas e não por duas, como se observa, salvo num caso, no presente exemplar.

Além das diferenças observadas nas decorações, sem dúvida menores, existe uma característica importante que separa claramente o exemplar de Lisboa dos seus congéneres baixo-alentejanos. Com efeito, se os dois primeiros exemplares possuem diâmetros máximos de cerca de 15 cm, e o de Torre Velha 2 cerca de 20 cm, já o diâmetro do exemplar em apreço é de cerca de 50 cm, possuindo além disso uma forma acentuadamente piriforme, propiciando maior capacidade de armazenamento. Esta realidade decorre por certo das diferentes funcionalidades reservadas a ambos os grupos de recipientes, os menores associados a contextos funerários, o maior a contexto doméstico, destinando-se ao armazenamento, o que justifica o seu tamanho. Crê-se que, por ora, se trata de exemplar único, o que em parte se explica atendendo à escassez de contextos habitacionais, como é o caso, coevos das abundantes necrópoles do Bronze do Sudoeste registadas a sul do Tejo.

4 - DISCUSSÃO

Importa discutir a presença deste exemplar aparentemente isolado, de indubitável origem na área geográfica do Bronze do Sudoeste, na área urbana de Lisboa.

A densa ocupação humana da Baixa Estremadura, representada nos finais do Calcolítico e primeiros tempos da Idade do Bronze pelas derradeiras cerâmicas campaniformes de estilos locais, contrasta com a pobreza do registo arqueológico conhecido relativo ao povoamento do Bronze Pleno (CARDOSO, 1999-2000, 2005). Parece observar-se um “apagamento” na paisagem dos povoados, talvez em consequência de menor estabilidade demográfica: à imponência das fortificações calcolíticas, construídas em altura e feitas para serem vistas, sucede-se um povoamento discreto, dificilmente identificável no terreno. Esta realidade poderá ser o reflexo de uma efectiva quebra demográfica, talvez devida a eventual degradação climática observada no decurso da

primeira metade do 2.º milénio a.C. Com efeito, nessa época, foi observada, no fértil vale do Guadalquivir, evolução climática no sentido de maior aridez (CARO, 1989), invocada para explicar situação análoga à verificada na Baixa Estremadura. Seja como for, os escassos exemplos conhecidos de povoados estremenhos com ocupações restritas do Bronze Pleno, embora denunciem o já referido “apagamento” paisagístico, mostram uma assinalável diversidade de implantações topográficas; além disso, todos exibem provas de ocupações estáveis e permanentes, fornecidas, por exemplo, pela presença de restos de grandes bovídeos e de suídeos domésticos, além de evidenciarem uma componente agrícola importante, dada a sua proximidade – por certo não acidental – de solos de boa aptidão para tal actividade.

As descobertas de sítios habitados do Bronze Pleno na Estremadura datam quase todas da década de 1990, o que evidencia, por um lado, o notável surto de trabalhos de campo, nesta como em outras regiões do país, e, por outro, o muito que ainda falta descobrir e investigar. É o caso do povoado de Agroal, Vila Nova de Ourém, em encosta que nada se distingue da paisagem envolvente, dominando o rio Nabão (LILLIOS, 1993), e onde as formas cerâmicas, todas lisas, incluem: vasos carenados; vasos tronco-cónicos; vasos de colo estrangulado; e vasos de paredes rectas. Duas datas de radiocarbono, depois de calibradas para um intervalo de confiança de cerca de 95 %, correspondem à primeira metade do 2.º milénio a.C.

Outro sítio desta época é o povoado do Casal da Torre, Torres Novas (CARVALHO *et al.*, 1999), jaz sob quase dois metros de sedimentos, no fundo de uma discreta depressão da Serra d’Aire. O importante conjunto cerâmico ali recolhido, quase sem elementos decorados, inclui essencialmente vasos esféricos, com colo, e com bases planas. Tal como o anterior, recolheram-se indícios que sugerem um povoado permanente, vocacionado para uma economia agro-pastoril que, afinal, corresponde a uma realidade em evidente continuidade da já conhecida no final do Calcolítico e no Bronze Inicial, aquando da eclosão de numerosos pequenos sítios abertos, já anteriormente caracterizados.

Na Baixa Estremadura, o povoado do Catujal, Loures (CARDOSO & CARREIRA, 1993; CARREIRA, 1997) é exemplo (até agora único) de um povoado do Bronze Pleno desta região, fortemente influenciado na sua cultura material pelas produções do Sudoeste. O sítio encontra-se implantado na extremidade de um esporão, limitado de ambos os lados por vales profundamente entalhados, dominando, de cerca de 100 m de altitude, o estuário interior do Tejo, possuindo, deste modo, invulgares condições naturais de defesa, de onde se descorriam vastos horizontes para Sul. Tal como os dois sítios anteriores, os restos faunísticos identificados conferem-lhe características de ocupação permanente. Infelizmente, o sítio foi quase totalmente destruído em 1982; os materiais que dele se conhecem resultaram de recolhas à superfície e em corte estratigráfico exposto no decurso da destruição da estação, o qual indicava apenas uma única ocupação arqueológica, confirmada pela

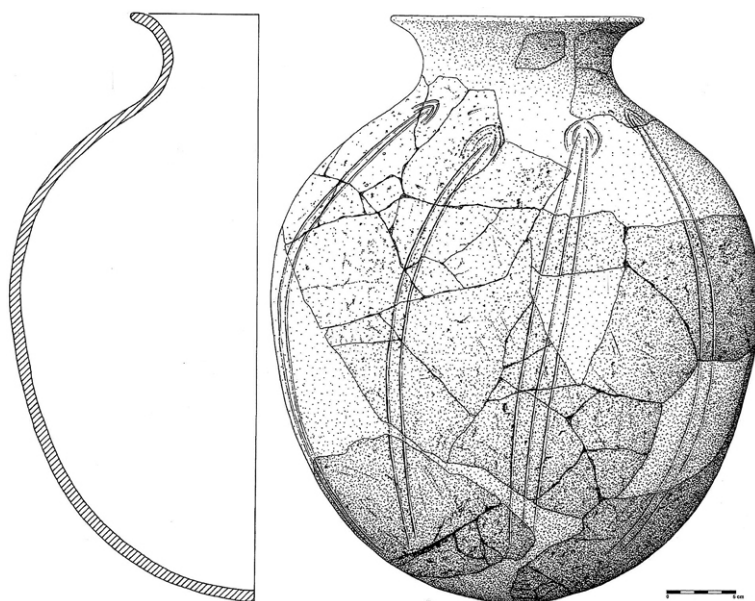


Fig. 5 – Encosta de Sant’Ana. Desenho do vaso estudado (desenho de Filipe Martins).

coerência tipológica dos materiais exumados. A par de recipientes de dimensões médias a grandes, destinados ao armazenamento, ocorrem recipientes de menores dimensões, de evidente filiação no Bronze Pleno do Sudoeste, representados, entre outros, por taças de tipo Santa Vitória e vasos (“garrafas”) de colo apertado, com decoração de nervuras verticais no bojo, comparáveis às observadas no exemplar em estudo.

O paralelo mais próximo para o sítio do Catujal, tendo presente a tipologia do espólio cerâmico nele recolhido, de evidente filiação no Bronze do Sudoeste, corresponde ao povoado

aberto do Pessegueiro, Sines, adjacente à necrópole do mesmo nome, apesar deste se implantar em espaço plano, e não no topo de plataforma, como o Catujal. Uma data de radiocarbono, efectuada em ossos humanos de uma das sepulturas da necrópole adjacente à área habitada, deu o resultado, a dois sigma de 1679-1442 anos a.C., com intersecção, na curva de calibração em 1526 anos a.C. (SOARES & SILVA, 1995). Comparado com este, o resultado obtido no Catujal, em ossos de animais domésticos, com recurso à mesma curva de calibração (DE STUIVER & REIMER, 1993), é mais antigo: 2028-1752 anos a.C., com intersecção em 1892 anos a.C. (CARDOSO, 1994). Este resultado indica cronologia recuada para o Bronze Pleno regional, por certo correspondente a época em que as derradeiras cerâmicas campaniformes ainda poderiam de fazer parte dos espólios da região. Com efeito, as datas recentemente publicadas (CARDOSO, 2014), vierem comprovar a continuação da produção de tais cerâmicas até finais do 3.º milénio a.C. O mesmo se verificaria na área do Sudoeste peninsular, onde a datação do tecido de linho envolvente de uma “alène”, recentemente recolhida num hipogeu do Bronze do Sudoeste, para 2 sigma, deu o intervalo de 2138-1957 cal BC (MATALOTO, MARTINS & SOARES, 2013, p. 327), condizente com produções mais antigas do Bronze do Sudoeste, cuja etapa inicial, com base no tratamento estatístico de todas as datas disponíveis, se terá iniciado, de acordo com os referidos autores, entre 2070 e 1930 cal BC.

Outra conclusão a reter da data obtida no Catujal, é a da maior antiguidade das taças de tipo Santa Vitória, até agora utilizadas como “fóssil director” para a fase mais tardia daquela Cultura, o Bronze II do Sudoeste.

As evidentes afinidades culturais do Bronze Pleno da Baixa Estremadura, com o Bronze do Sudoeste, de que se poderá considerar a sua extensão mais setentrional, têm também expressão em materiais esparsos que, ao longo dos tempos, foram sendo assinalados na região:

- uma taça da Lapa do Suão, Bombarral, do tipo Santa Vitória, possuindo, segundo os que primeiro a publicaram origem na área argárica, de onde teria sido importada (CÔRTEZ *et al.*, 1972), embora a referida taça tenha sido reproduzida ulteriormente (SPINDLER, 1981, Tf. 69), atribuindo-lhe filiação nos exemplares portugueses de Santa Vitória;

- um vaso de colo apertado e decoração de gomos (de uma sepultura) do povoado calcólico da Pedra de Ouro, Alenquer, associada a vários recipientes lisos (PAÇO, 1966; LEISNER & SCHUBART, 1966, Abb. 11);

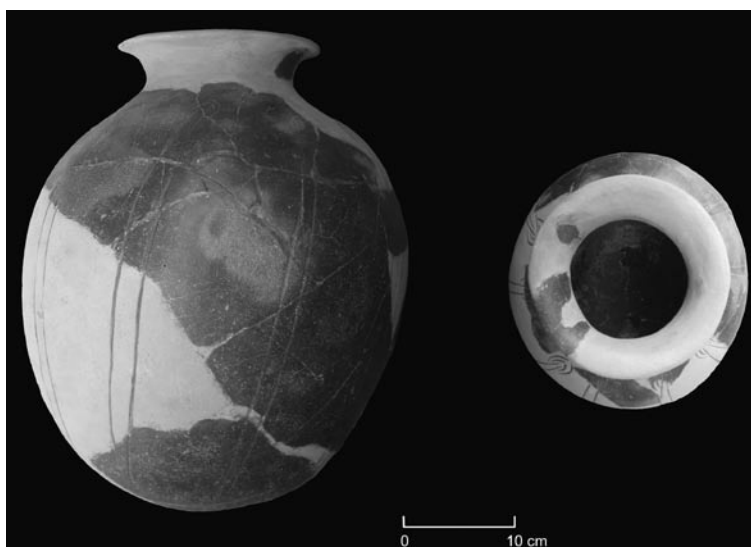


Fig. 6 – Encosta de Sant’Ana. Foto geral do vaso e vista de topo do mesmo (foto de J. L. Cardoso).

– um vaso tetramamilado na carena, oriundo de pequena lapa natural subjacente ao povoado calcolítico de Rotura, Setúbal (CARREIRA, 1998), afim de recipiente da necrópole vizinha necrópole em gruta da Lapa do Fumo, Sesimbra (CARREIRA, 1997, p. 140), têm evidente filiação no Bronze do Sudoeste.

Tais afinidades meridionais e mediterrâneas, a que se poderiam juntar outras, embora desprovidas de contextos estratigráficos e de tipologia bem definida, constituem expressão de uma realidade cultural que, até à publicação do povoado do Catujal, não tinha sido devidamente valorizada. Com efeito, tais ocorrências, relacionadas com contextos funerários e/ou rituais (CARDOSO, 2000), mais do que intru-

sões esporádicas, evidenciam uma realidade cultural ainda longe de estar devidamente conhecida, constituindo o vaso agora publicado mais um contributo para aquele conhecimento.

Também alguns artefactos metálicos, com destaque para os punções losânguicos (alènes), considerados, no Languedoc, característicos do Bronze Inicial, onde são particularmente abundantes, encontram-se também presentes em diversas estações estremenhas. J. R. Carreira (CARREIRA, 1994) inventariou ocorrências em diversas estações tais como Vila Nova de São Pedro, Azambuja, povoado calcolítico que continuou a ser frequentado, embora de forma talvez descontínua e pouco marcada (cinco exemplares); povoado do Alto das Bocas (dois exemplares), Rio Maior; gruta da Casa da Moura, Óbidos (um exemplar); e Abrigo Grande das Bocas (quatro exemplares). Tais peças, de nítida filiação meridional, porém de fabricos locais ou regionais, visto serem de cobres arsenicais, distintos dos exemplares do Sul da França, que são já de bronze, comprovam que a chegada à Estremadura de novos tipos artefactuais da Idade do Bronze, antecipou a introdução da respectiva metalurgia. No Bronze do Sudoeste, destaca-se a ocorrência de dois exemplares, da necrópole do Monte Novo dos Albardeiros, Reguengos de Monsaraz, ritualmente depositos no interior de dois recipientes (GONÇALVES, 1988-1989, Figs. 12 e 13). Ao conjunto indicado, juntou-se recentemente o exemplar baixo alentejano acima referido, envolto ritualmente por tecido de linho.

No norte do território estremenho as afinidades com o Bronze do Sudoeste esbatem-se, como seria de esperar. É o que indica não apenas a tipologia dos recipientes cerâmicos recolhidos nos povoados de Agroal e de Casal da Torre, mas também as inúmeras cerâmicas da mesma época recolhidas em grutas da região, utilizadas como necrópoles e/ou santuários rupestres. Com efeito, de há muito que ali se reconheceram cerâmicas tradicionalmente inseridas tanto no Neolítico como no Calcolítico; só estudos recentes vieram mostrar a sua individualidade cultural: é o caso de materiais da Lapa do Suão, Bombarral, já atrás referidos, que se juntam, entre outros, às produções da Lapa da Furada, Sesimbra (CARDOSO & CUNHA, 1995).

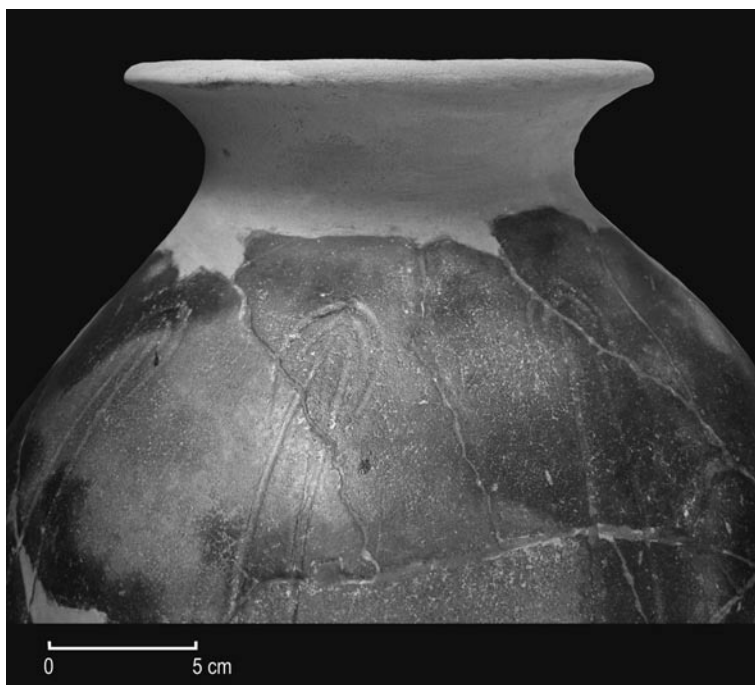


Fig. 7 – Encosta de Sant’Ana. Pormenor da decoração do vaso (foto de J. L. Cardoso).

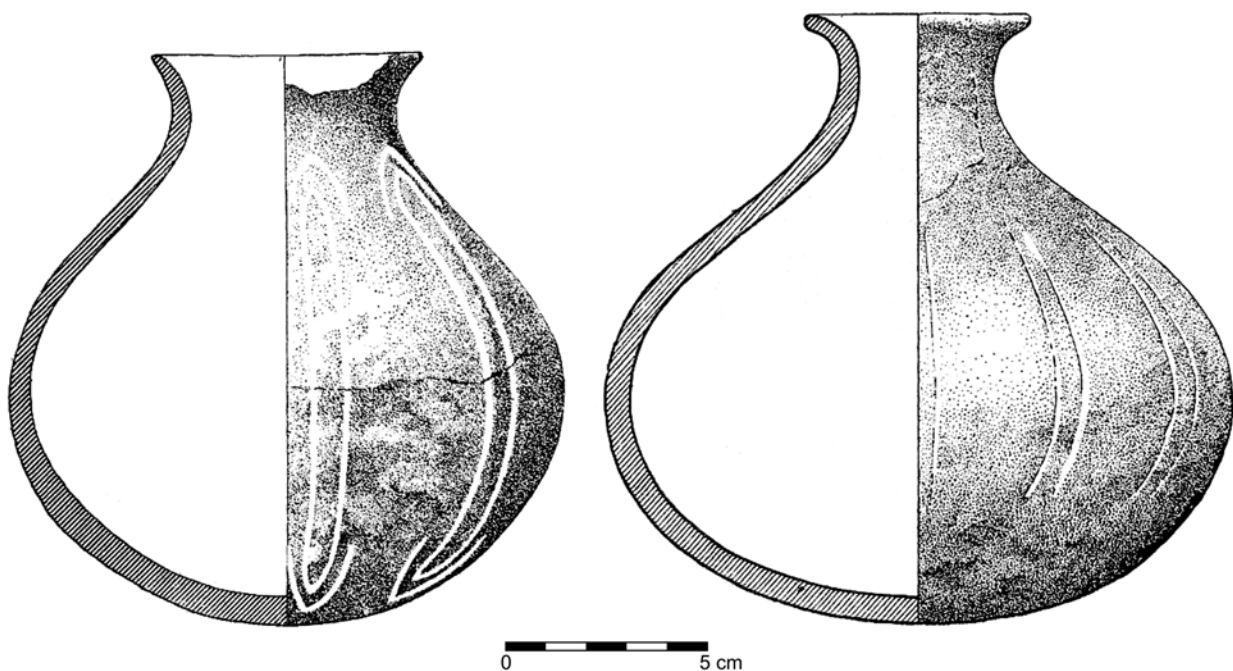


Fig. 8 – Vasos das necrópoles de cistas do Bronze do Sudoeste de Cata, Beja e do Poio, Portimão (seg. SCHUBART, 1974).

Também a metalurgia do ouro se encontra no imediato prolongamento das produções Calcolíticas; continuam a produzir-se espirais auríferas, encontradas, por vezes, encadeadas umas nas outras, surgindo, pela primeira vez, peças mais pesadas e maciças que as anteriores. É o caso das braceletes lisas, de secção circular, obtidas por fundição e ulterior martelagem. É a este grupo de jóias, situadas no “Bronze Antigo e Médio” por A. Perea (PEREA, 1991, Fig. 3), que pertencem os dois exemplares de Atouguia da Baleia, Peniche e o exemplar de Bonabal, Torres Vedras, este último associado a uma cadeia de oito espirais de ouro; em ambos os casos, trata-se de achados fortuitos, produzidos, como é frequente, em locais incaracterísticos, no decurso da lavra de campos agrícolas (CARDOSO, 2004, p. 173).

Mercê da sua posição geográfica, esta região encontrava-se também exposta aos primeiros influxos atlânticos – depois dos que presidiram à difusão dos campaniformes “marítimos” pela fachada atlântica europeia – documentados pela alabarda de Baútas, Amadora (SENNA-MARTINEZ, 1994), de tipo atlântico, com numerosos paralelos bretões. A sua composição, ainda de cobre arsenical, vem ilustrar expressivamente a manutenção da metalurgia do cobre no Bronze Pleno regional, na produção de novos tipos de artefactos, que reflectem o encontro de duas áreas culturais distintas – o Atlântico e o Mediterrâneo – aspecto que, doravante, constituirá um dos traços mais expressivos e ricos da realidade cultural da região, até ao final da Pré-História e muito para além dele.

Outras produções metálicas merecem destaque: é o caso das adagas, ainda de cobre, mas que diferem das suas antecedentes calcolíticas pelas maiores dimensões, e pelo modo de encabamento, que passa a ser assegurado por rebites, em vez da lingueta simples, característica daquelas. Um dos exemplos mas notáveis é a adaga de rebites, com a folha decorada de ambos os lados ao longo dos bordos laterais, recolhida na gruta das Redondas, que ainda conserva os três rebites e, perfeitamente marcado, como bem assinalou M. Vieira Natividade no correspondente desenho, os contornos do cabo (NATIVIDADE, 1899-1903, Est. XXVI, 220). Esta particularidade, presente em outros tipos de punhais ou adagas, afasta a hipótese de esta peça corres-

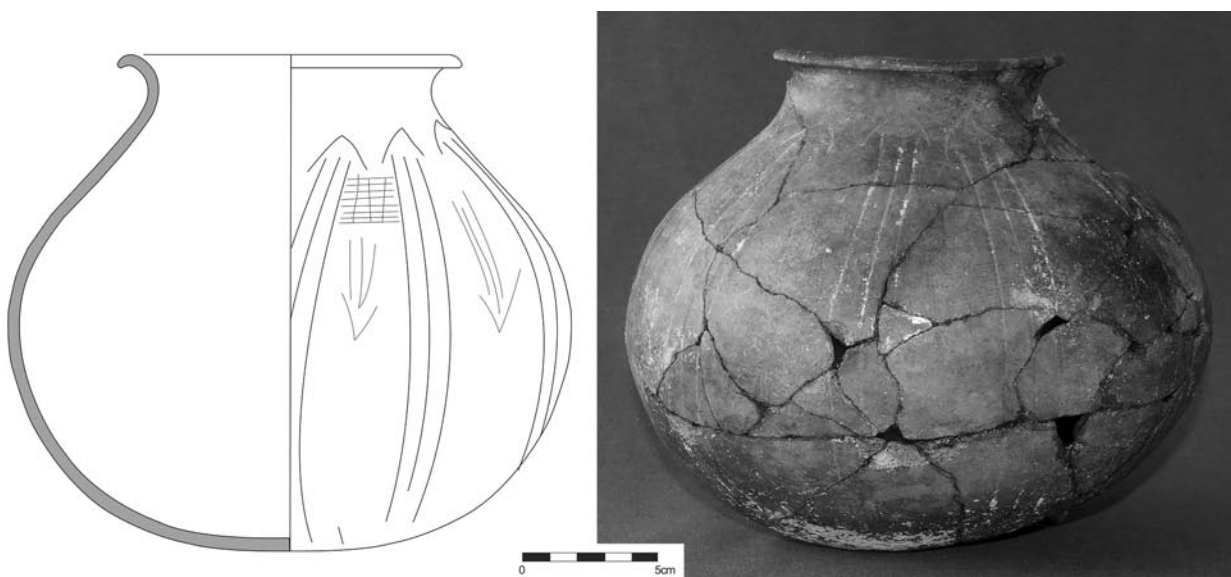


Fig. 9 – Vaso do hipogeu do Bronze do Sudoeste de Torre Velha 3 (por deferência de M. Serra e E. Porfírio).

ponder a uma alabarda. A sua ocorrência no interior de uma gruta, conjuntamente com outros espólios metálicos de épocas anteriores ou coevos (adagas de lingueta, machados planos e pontas Palmela evoluídas), faz crer que esta terá abrigado uma importante necrópole, no decurso do final do Calcolítico e no Bronze Pleno, ou, em alternativa, corresponder a um santuário, pertencendo, neste caso, tais objectos a depósitos rituais não funerários.

Tem interesse referir que as características pontas de seta de espigão e barbelas laterais, presentes na Estremadura, através de um ou mais exemplares nas seguintes estações: povoados fortificados calcolíticos de Vila Nova de São Pedro, Azambuja (JALHAY & PAÇO, 1945) e do Zambujal, Torres Vedras (SANGMEISTER, SCHUBART & TRINDADE, 1971); gruta funerária da Cova da Moura, Torres Vedras (SPINDLER, 1981); dólmen do Alto da Toupeira, Loures (LEISNER, 1965), são todas de cobre (SPINDLER, 1981; SANGMEISTER, 1995), tal como as encontradas no Abrigo Grande das Bocas, Rio Maior (CARREIRA, 1994). Ao contrário, os quatro exemplares, seguramente do Bronze Final, de povoados do Sul da Beira Interior, nas proximidades dos quais existe estanho (VILAÇA, 1995), são já de bronze. Esta realidade vem também em abono de uma progressiva utilização do bronze, neste caso suportada em tipo artefactual de evidente longevidade, com início seguro no Bronze Pleno, como é claramente indicado pelo exemplar da necrópole da Vinha do Casão, que é de cobre (GIL, GUERRA & BARREIRA, 1986). A distribuição supra-regional deste tipo artefactual, que vai do sul da Beira Interior ao Algarve, mostra bem a existência de circuitos comerciais em que a Estremadura, pela sua localização geográfica, detinha evidente importância, como se comprova pelo número de exemplares daqui provenientes.

5 – CONCLUSÃO

No Bronze Pleno da Baixa Estremadura, correspondente aos três primeiros quartéis do 2.º milénio a.C., entrevê-se um tipo de povoamento em que, recorrentemente, se aproveitavam antigos sítios calcolíticos de altura, como Vila Nova de São Pedro e o Zambujal – talvez jamais abandonados em absoluto – ou pela primeira

vez ocupados, como o de Catujal, a par da instalação de outros, dificilmente evidenciados, em terrenos de morfologia discreta; esta última realidade encontra expressão na Alta Estremadura, na região de Torres Novas e de Vila Nova de Ourém, afigurando-se corresponder também ao caso em apreço. Com efeito, os espólios da Idade do Bronze da encosta de Sant'Ana, correspondem a uma implantação habitacional na paisagem envolvente, até perto da área então atingida pelo esteiro do rio Tejo. A posição geográfica da estação sugere estreita articulação com outros sectores ribeirinhos do antigo estuário do Tejo, incluindo os da sua margem esquerda, a partir dos quais teriam chegado à Península de Lisboa produções cerâmicas características da cultura do Bronze do Sudoeste. Estas, com excepção do povoado do Catujal, arrasado em 1982, correspondem essencialmente a achados isolados, atribuíveis a contextos habitacionais, como é o caso em apreço, ou funerários ou rituais, como é o caso da generalidade das restantes ocorrências, desvanecendo-se as mesmas, aliás sempre raras e esparsas, à medida que aumenta a distância relativamente ao estuário do Tejo.

AGRADECIMENTOS

A Miguel Serra e a José Eduardo Porfírio, da empresa de Arqueologia Palimpsesto, Estudo e Preservação do Património Cultural, Lda., pela cedência do desenho e da fotografia do vaso da necrópole de Torre Velha 3.

REFERÊNCIAS

- ALVES, C.; COSTEIRA, C.; ESTRELA, S.; PORFÍRIO, E.; SERRA, M.; SOARES, A. M. M. & MORENO-GARCÍA, M. (2010) – Hipogeuos funerários do Bronze Pleno da Torre Velha 3 (Serpa, Portugal). O Sudeste no Sudoeste? *Zephyrus*. Salamanca. 66, p. 133-153.
- ALVES, C.; COSTEIRA, C.; ESTRELA, S.; PORFÍRIO, E.; SERRA, M. & SOARES, A. M. M. (2014) – Caracterização preliminar da ocupação pré-histórica da Torre Velha 3 (barragem da Laje, Serpa). In: *4.º Colóquio de Arqueologia do Alqueva. O Plano de Rega (2002-2010)*. Évora: EDIA/DRCALEN, p. 103-111 (Memórias d'Odiana, 2.ª Série).
- ANGELUCCI, D.; COSTA, C. & MURALHA, J. (2004) – Ocupação neolítica e pedogénese médio-holocénica na encosta de Sant'Ana (Lisboa). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 7 (2), p. 27-47.
- ARBRUSTER, B. & PARREIRA, R. (coord., 1993) – *Inventário do Museu Nacional de Arqueologia – colecção de ourivesaria. 1 - Do Calcolítico à Idade do Bronze*. Lisboa: Instituto Português de Museus.
- CARDOSO, J. L. & CARREIRA, J. R. (1993) – Le Bronze Final et le début de l'Âge du Fer dans la région riveraine de l'estuaire du Tage. *Mediterrâneo*. Lisboa. 2, p. 193-206 (Actas do I Congresso Mediterrânico de Etnologia Histórica, Lisboa, 1991).
- CARDOSO, J. L. & CUNHA, A. S. (1995) – *A Lapa da Furada (Sesimbra). Resultados das escavações arqueológicas realizadas em Setembro de 1992 e 1994*. Sesimbra: Câmara Municipal de Sesimbra.
- CARDOSO, J. L. (1999/2000) – Aspectos do povoamento da Baixa Estremadura no decurso da Idade do Bronze. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 8, p. 355-413.
- CARDOSO, J. L. (2000) – Manifestações funerárias da baixa Estremadura no decurso da Idade do bronze e da Idade do Ferro (II e I milénios AC): breve síntese. *Actas do III Congresso de Arqueologia Peninsular* (Vila Real, 1999), 5, p. 61-99.

- CARDOSO, J. L. (2004) – *A Baixa Estremadura dos finais do IV milénio a.C. até à chegada dos Romanos: um ensaio de História Regional*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras (*Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 12).
- CARDOSO, J. L. (2005) – Visibilidade e invisibilidade do património arqueológico: o caso do Bronze Pleno da Estremadura. *Discursos*. Lisboa. Série III, 6, p. 7-27.
- CARDOSO, J. L. (2007) – *Pré-História de Portugal*. Lisboa: Universidade Aberta.
- CARDOSO, J. L. (2014) – Absolute chronology of the Beaker phenomenon North of the Tagus estuary: demographic and social implications. *Trabajos de Prehistoria*. Madrid. 71 (1), p. 56-75.
- CARO, A. (1989) – Consideraciones sobre el Bronce Antiguo y Medio en el Bajo Guadalquivir. *Tartessos. Arqueología Protohistórica del Bajo Guadalquivir* (M. E. Aubet Semmler, coord.). Sabadell: AUSA, p. 85-120.
- CARREIRA, J. R. (1994) – A Pré-História recente do Abrigo Grande das Bocas (Rio Maior). *Trabalhos de Arqueologia da EAM*. Lisboa. 2, p. 47-144.
- CARREIRA, J. R. (1997) – Catujal: um povoado da Idade do Bronze (Médio) à entrada da “ria de Loures”. Contribuição para o estudo das influências do Bronze do Sudoeste na formação do Bronze estremenho. *Vipasca*. Aljustrel. 6, p. 119-140.
- CARVALHO, A. F.; BRAGANÇA, F.; NETO, F. & JUSTINO, L. (1999) – O sítio da Idade do Bronze “pleno” do Casal da Torre (Assentiz, Torres Novas). *Trabalhos de Arqueologia da EAM*. Lisboa. 5, p. 63-81.
- CÔRTEZ, V.; FURTADO, A.; FERREIRA, O. V.; MAURÍCIO, A. & MONTEIRO, J. A. (1972) – Dois vasos raros do Museu do Bombarral. *Revista de Guimarães*. Guimarães. 82 (3/4), p. 231-234.
- GIL, F. B.; GUERRA, F. & BARREIRA, G. (1986) – Estudo físico do espólio metálico. *A necrópole da Vinha do Casão (Vilamoura, Algarve) no contexto da Idade do Bronze do Sudoeste peninsular*. Lisboa, p. 129-134 (*Trabalhos de Arqueologia*, 2).
- GONÇALVES, V. S. (1988-1989) – A ocupação pré-histórica do Monte Novo dos Albardeiros (Reguengos de Monsaraz). *Portugalia*. Porto. Nova Série, 9/10, p. 49-61.
- JALHAY, E. & PAÇO, A. do (1945) – El castro de Vilanova de San Pedro. *Actas y Memorias de la Sociedad Española de Antropología, Etnografía y Prehistoria*. Madrid. 20, p. 55-141.
- LILLIOS, K. T. (1993) – Agroal and the Early Bronze Age of the Portuguese Lowlands. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. 33 (3/4), p. 261-291.
- MATALOTO, R.; MARTINS, J. M. M.; SOARES, A. M. M. (2013) – Cronologia absoluta para o Bronze do Sudoeste. Periodização, base de dados tratamento estatístico. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 20, p. 303-338.
- NATIVIDADE, M. Vieira (1899-1903) – Grutas de Alcobaça. Materiaes para o estudo do Homem. Relatório dos trabalhos de exploração nas diversas estações neolíticas de Alcobaça. *Portugalia*. Porto. 1, p. 433-474.
- PEREA, A. (1991) – *Orfebrería Prerromana: arqueología del oro*. Madrid, Comunidad de Madrid, Consejería de Cultura.
- SANGMEISTER, E. (1995) – *Zambujal. Kupferfunde aus den Grabungen 1964 bis 1973*. Mainz: Verlag Philipp von Zabern, p. 1-154 (*Madrider Beiträge*, Band 5).
- SANGMEISTER, E.; SCHUBART, H. & TRINDADE, L. (1971) – Escavações na fortificação da Idade do Cobre do Zambujal/Portugal 1970. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série III, 5, p. 51-96.

- SCHUBART, H. & SANGMEISTER, E. (1974-1977) – Escavações na fortificação da Idade do Cobre do Zambujal – Portugal 1972/1973. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série III, 7/9, p. 125-140.
- SCHUBART, H. (1974) – Novos achados sepulcrais do Bronze do Sudoeste II. Segundas Jornadas Arqueológicas (Lisboa, 1972). *Actas*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses. 2, p. 65-95.
- SCHUBART, H. (1975) – *Die Kultur der Bronzezeit im Südwesten der Iberischen Halbinsel*. Vol. 1, Text; Vol. 2, Tafeln. Berlin: Walter de Gruyter.
- SENNA-MARTINEZ, J. C. de (1994) – Subsídios para o estudo do Bronze Pleno na Estremadura atlântica: (1) A alabarda de tipo “atlântico” do habitat das Baútas (Amadora). *Zephyrus*. Salamanca. 46, p. 161-182.
- SOARES, J. & SILVA, C. T. (1995) – O Alentejo litoral no contexto da Idade do Bronze do Sudoeste peninsular. In: *A Idade do Bronze em Portugal. Discursos de poder*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, p. 136-139.
- VILAÇA, R. (1995) – *Aspectos do povoamento da Beira Interior (Centro e Sul) nos finais da Idade do Bronze* (2 vols.). Lisboa: Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico (*Trabalhos de Arqueologia*, 9).